



DA NOSSA VIDA

Maternidade

No tempo de Maria, Mãe de Jesus, havia muitas mulheres, e praticamente todas desejavam ser mães. Era uma desonra aos olhos dos outros não o ser. De entre todas foi escolhida Maria. Ela achou graça diante de Deus e correspondeu-Lhe plenamente entregando a sua vida, a serva do Senhor.

Este modo pleno de entregar a vida teve o seu expoente, quero crer, em Maria, e passou a ser o paradigma em que todo o vocacionado se projecta.

Com o desenvolvimento social, múltiplas tarefas são exercidas, e todas nascem de necessidades criadas. A motivação para escolher uma ou outra provém, geralmente, de simpatia natural ou interesse material. Quando se trata de vocações, falamos de tarefas que, mesmo parecendo-lhes iguais, têm iniciativa no sobrenatural e participação no que é natural na humanidade.

No chamamento de Maria à maternidade, esteve a iniciativa de Deus, que lhe deu a graça de ser Mãe de Jesus e de toda a humanidade. Maria é Mãe por toda a eternidade. Eternamente dada a seus filhos.

Aqui vemos a plenitude a que entregou a sua vida e como se torna o modelo de todo o vocacionado. Este, terá que correr todo o percurso da sua vida tendo no olhar este modelo, atingível à medida de cada um. Mas nunca poderá parar antes de chegar à meta final.

Maria prossegue o seu caminho de Mãe chamando alguns dos seus filhos a uma dedicação plena, à sua semelhança. Apesar de a grande maioria andar dis-

traída, como que ainda na fase da busca de identidade, alguns e algumas têm a maturidade espiritual suficiente para se deixarem encantar com a beleza que lhes manifesta no seu interior.

O mundo tem como chave para vencer as desigualdades entre pessoas e povos o dinheiro. A busca dele que é precisamente a causa dessas desigualdades. Atenuá-las para as vencer só na base da ajuda fraterna: como pais, como mães, como irmãos. Tudo o resto são meios.

Também hoje

Obra da Rua é um campo e um mundo onde se vive o apelo tão bem expresso pelo falecido bispo do Porto D. António Francisco: «Os pobres não podem esperar!» Eles são a razão da sua existência, no seu nascimento e na sua continuidade. Métodos? — o amor, na palavra e testemunho de Pai Américo e na sua simplicidade e encanto pela pobreza.

Os filhos dos pobres sem remos nem rumo, são o apelo concreto à vivência de laços paternos e maternos por vocações inspiradas. A existência do apelo é razão para se discernir e responder.

Fragilidades e imperfeições? Não há família onde elas não existam, nos seus membros e na sua vida familiar.

Padre Júlio

MALANJE

Obra da Rua está construída pelas pedras vivas que são principalmente seus filhos. Esses milhares de rapazes que, tirados da pobreza, foram colocados nos braços amorosos da Obra. Muitos deles deixaram seu testemunho antes de partir para o Pai... uns pela sua entrega generosa, outros pelas suas capacidades de reflectir e actualizar a Obra, outros por encarnar esse espírito familiar. Muitos deles ainda estão vivos; não os deixemos partir antes de nos transmitirem esse grande tesouro que a Obra da Rua fez nascer no seu coração.

A Obra da Rua está construída por mães, também pedras vivas. Essas se-

nhoras doadas à família e dedicadas em corpo e alma aos seus filhos. Muitas delas também já partiram e deixaram o seu legado inscrito em cada rapaz, ternura, carinho, educação, enfim, amor. Mas ainda há tempo para algumas nos poderem lembrar o que ainda nos falta, o que é fundamental na criação de um filho; não as deixemos num cantinho silencioso, mas, sim, como Maria em Nazaré, mãe, discípula...

A Obra da Rua, finalmente tem como pedras vivas os Padres da Rua, que com sua entrega generosa e total se tornam pobres para que os seus filhos sejam homens com maiúsculas. Muitos deles já não estão connosco e nos deixaram o exemplo de entrega radical, paternidade autêntica e familiaridade divina. Mas



Padre Horácio, D. Maria da Luz, D. Maria do Rosário: os pais da Casa do Gaíato de Coimbra durante mais de 50 anos.

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Nosso Santo Padre Papa Francisco aparece-nos na sua exortação para o Dia Mundial dos Pobres com uma palavra pouco popular chamando ao Espírito Evangélico de Pobreza, um paradoxo.

Eu percebi logo o que Francisco queria dizer com esta expressão «Paradoxo» e fui procurar ao dicionário saber o que dizia esta palavra e encontrei o seu significado: paradoxo é uma opinião contrária ao sentido comum; uma coisa incrível.

Vamos ler o Santo Evangelho e em todas as passagens em que Jesus fala deste tema, ele de facto parece sempre uma coisa incrível; — contrária ao sentido comum dos Homens.

São muitos os pobres e até miseráveis, possuídos do Espírito de rico, deixando-se levar pela ganância e possuir por um desejo desmedido de abundância, ostentação, e facilmente se inclinam para o roubo, a droga, a vigarice e até a opulência.

Se formos analisar os ricos, encontramos muito poucos com Espírito de pobre. A maioria é arrastada pela mesma força que provém da aparência, do luxo, da abundância, do roubo, da aldrabice, dos negócios fraudulentos e até da exploração dos mais pobres, ignorantes e menos dotados.

Defender e amar os pobres é realmente um paradoxo mesmo para muitos homens e mulheres da Igreja Católica, de seitas Cristãs e outras religiões monoteístas como os Muçulmanos e os Judeus.

Hoje, nesta Aldeia Global onde vivemos, as guerras não têm outra explicação, apenas o furioso desejo do poder, da grandeza e do dinheiro. Mesmo que um rico possua milhões de triliões, continua a ser devorado pelo desejo ardente de mais e mais. Nada o satisfaz. Vivem cegos, a pensar que a vida neste Mundo nunca acabará para eles.

Existe, porém, uma pequena, muito pequena minoria de homens e mulheres rica e pobre que acreditam na Pro-

PENSAMENTO

Se picares com o bico duma agulha as letras deste pedir, hás-de ver que deitam sangue, tal a vida que elas têm; vida feita da vida dos Pobres. (...) Todos os que outrora pegaram no colo e fizeram carícias ao Filho da Virgem Maria, não são de maneira nenhuma mais virtuosos do que nós outros que hoje fazemos o mesmo às criancinhas; *nihil fecisti* — sacramento escondido aos senhores do mundo.

PAI AMÉRICO, *Doutrina*, 2.º vol., 1.ª ed., 1977, pg 55-56.

vidência Divina, se deixam apaixonar por Jesus Cristo — **O Pobre dos pobres**. Amam a pobreza e põe a sua vida e os seus bens ao serviço dos mais carentes.

Não é preciso que dêem tudo o que têm, mas, pelo menos, o que lhes sobra.

Continua na página 4

ainda temos padres que desejam arriscar para que a família continue a sua expansão e responda às novas necessidades do pobre de hoje.

A Obra da Rua, finalmente, somos todos e cada um. Abramos a Porta, não só para deixar entrar as pessoas, mas também para dialogar, discernir, construir, colaborar... A nossa Obra não é perfeita, não está concluída, não é definitiva. A Obra não é absoluta é mediação que o Espírito acordou no coração do nosso fundador, como resposta à Pobreza. Sim, acreditamos que a Obra é de Deus, ninguém a pode destruir.

Que bom seria sentarmos todos na mesma mesa onde todos tivéssemos a consciência de que cada um de nós é simplesmente uma dessas pedras vivas e não deixássemos que o nosso ego nos fizesse pensar que valemos mais que outros ou que somos mais importantes ou, ainda pior, que somos indispensáveis.

Para trás ficou a primeira parte do Sínodo e muitas tarefas ficaram pendentes para a Segunda.

Padre Rafael

Pelas CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

FIM DAS FÉRIAS ESCOLARES — Aproxima-se o regresso às aulas dos nossos rapazes, assim sendo, alguns já começam a rever as matérias do ano anterior, para que possam entrar neste ano lectivo com o melhor aproveitamento possível. Os mais curiosos até já pesquisam as aprendizagens que irão fazer em breve durante as aulas. Alguns dos nossos rapazes já começaram as suas aulas no passado dia 1 de Setembro. Reclamam ainda das férias já terem terminado, porém é tempo de esforço e dedicação para que no final terminem o ano lectivo com resultados muito satisfatórios.

FALTA DE ÁGUA — Continuamos a sofrer problemas relacionados com a falta de água. Com a escassez de água fomos obrigados a cortar o acesso deste mineral no bar. Assim sendo, ficamos estes dias sem poder tomar um cafezinho ou carioca. Os nossos trabalhadores e alguns rapazes estão a fazer os possíveis para resolver este problema, porém promete ainda muito trabalho pela frente.

FEIRA DO LIVRO — Como todos os anos, durante a Feira do Livro do Porto, estamos lá com os nossos livros relacionados com a nossa Obra e amigos importantes que deram o seu contributo para a Casa. Para quem estiver interessado em conhecer a nossa Obra, não hesite e faça-nos uma visita.

ESTÁTUA DE PAI AMÉRICO — Recentemente tivemos uma nova adesão ao nosso Museu. Os Amigos da Obra Sr. Rui Cunha e sua esposa D. Maria José, já falecidos, deixaram-nos através dos seus filhos uma estátua que é uma réplica, em tamanho reduzido, da que se

encontra na Praça da República do Porto, assinada também pelo seu autor, o escultor Henrique Moreira. A toda a família agradecemos afectuosamente este gesto de amizade para com a nossa Obra, amizade que vem desde os primórdios da mesma.

COMPUTADOR — Um dos nossos rapazes vai iniciar o seu curso no ensino superior, e vai necessitar de um computador para realizar os seus trabalhos e acompanhar os materiais que os professores disponibilizam habitualmente. Se alguém dos nossos Amigos tiver um disponível que possa oferecer, ele e nós ficaríamos muito agradecidos.

José Júnior



CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

CUIDAR DE QUEM CUIDOU, ATÉ AO LIMITE DAS SUAS FORÇAS — Há dias, ficou temporariamente vaga uma das casas do Património dos Pobres da nossa paróquia. Durante muitos anos essa casa foi a morada de uma pessoa que a teve sempre muito asseada e que nunca nos deu preocupações quanto ao cuidado dessa habitação.

Nessa casa essa pessoa cuidou dos seus familiares directos o melhor que pôde, de forma irrepreensível. Não teve nisso vida fácil. Quando esses familiares a deixaram por morte, ou por ida para outras paragens, ela passou a viver sozinha, prezando a autonomia nas suas actividades de vida diária, enquanto as forças lho permitiram.

Estas palavras são quase nada para a homenagem que essa senhora merece pelo muito que fez para cuidar daqueles que as voltas da vida colocaram ao seu cuidado.

Quando a deterioração do seu estado de saúde chegou ao ponto dela já não ter autonomia para as suas actividades de vida diária, foi viver para casa de um familiar que agora está a cuidar dela. A casa do Património dos Pobres, no entanto, foi mantida na sua posse até este processo de reacomodação familiar ter chegado completamente ao seu termo. Não forçamos nada, dando todo o tempo que foi necessário para que os familiares pudessem resolver o assunto da forma que acharam melhor. Foi isso que fizeram e, por isso, agora libertaram a casa para outros que venham a precisar dela. Só desejamos que esta senhora esteja a ter, e continue a ter, o tipo de cuidados que ela tão bem soube prestar aos seus familiares enquanto eles precisaram dela e ela teve forças para os prestar.

O que agora se segue quanto ao destino desta habitação não vai ser fácil. É uma casa para a qual há vários "candidatos". Há quem a deseje há muito tempo, embora este não deva ser o critério que mais conte na sua atribuição a um novo morador. Tal como temos feito em situações semelhantes, procuraremos contribuir para que a solução a encontrar seja o mais justa possível.

Há um mar imenso de trabalho para fazer por todos nós para que estas e outras cadeias de cuidado não se quebrem, mas antes se mantenham e se reforcem porque elas continuam a ser muito precisas, ou melhor, são cada vez mais precisas, por razões que todos conhecemos. Infelizmente, não parece que a nossa sociedade esteja a ir por esses

MIRANDA DO CORVO

PARTILHAS E CONTACTOS — Os nossos agradecimentos aos amigos e amigas que nos enviaram as suas partilhas para ajudar a suportar as despesas da nossa Casa. Muito obrigado! Devido à guerra na Ucrânia, tem havido aumentos em várias facturas. Nos dias 20 e 21 de Agosto, o nosso Padre Manuel (com um Rapaz) foi celebrar várias Eucaristias nas Paróquias de Mosteiró (Vila do Conde), Moreira da Maia e Gemunde (Maia), em que pediu ajuda e falou da nossa Obra, do nosso jornal e da Causa de Beatificação de Pai Américo. Como tem acontecido há vários anos, em ligação com o amigo Sr. Padre Augusto, as comunidades cristãs receberam-nos muito bem, o que agradecemos! Foram distribuídas muitas pagelas de Pai Américo. Contactos e outros dados da nossa Casa: *Obra da Rua — Obra*

do Padre Américo, Casa do Gaiato, 3220-034 Miranda do Corvo; IBAN — PT 50 0035 0468 00005577330 18; Número de identificação fiscal — 500 788 898; telefone - 239 532 125; correio electrónico — gaiato-miranda@gmail.com

REGRESSO ÀS AULAS — Nas férias escolares de Verão, os Rapazes mergulharam na piscina, fizeram alguns dias de praia e estiveram com alguns dos seus familiares, em especial na Área Metropolitana de Lisboa. Depois das boas férias que tiveram, é de esperar que tenham mais vontade para ter bom comportamento, cumprir as obrigações e outras tarefas (gado, limpezas, etc.), estudar mais e empenharem-se na Catequese, Educação Musical, etc. O ano lectivo 2022/2023 arrancará em meados de Setembro. Os Rapazes estão matriculados nas Escolas seguintes: Escola do 1.º Ciclo de Rio de Vide, Escola do 2.º e 3.º Ciclo com Secundário de Miranda

do Corvo, e Escola Tecnológica e Profissional de Sicó (Alvaiázere e Penela). Bom ano escolar!

AGROPECUÁRIA — Na segunda quinzena de Agosto, manteve-se o tempo seco e quente. A cultura do milho-grão tem crescido, nos campos junto à *rotunda Pai Américo*, pois continuou a ser regada com os pivôs, desde o poço da *terra nova*. O milho da colheita anterior, que foi descarolado, tem sido moído para alimentar os animais conforme as necessidades. As videiras das latadas estão carregadas de bons cachos, maduros e prontos para serem vindimados. Foi apanhado, várias vezes, tomate para as refeições. As videiras, as árvores do pomar, os arbustos e os jardins (cujos aspersores foram arranjados) tiveram regas com água do poço junto à horta e do poço da *terra nova*. Foi comprada uma peça nova para captar a água nesse poço.

Rapazes de Miranda

BEIRE - Flash's

O sermão das pedras d'O Calvário...

1. **Será mesmo só um velho 'corrimão' de velhos'?!...** Verdade que, nós os velhos, gostamos de repetir as nossas histórias. Esquecidos de que elas, de já tão velhas e tão repetidas, podem estar a ser *uma maçada* para... Mas há delas que bem podem repetir-se. São "água mole em pedra dura..." Se bem ruminadas, podem alargar, sempre mais e mais, os nossos horizontes de ser — o grande desafio da vida...

P.e Telmo e eu subimos e descesmos, muitas vezes juntos, aquela escadaria da nossa capela. Sempre lavadinha, a espelhar a beleza e variada gama de granito arrancado das pedreiras da nossa *mata de fora*. Seus degraus falam-nos do saber e bom gosto de P.e Baptista. E P.e Telmo gosta mesmo de desancar sobre as injustiças contra esta *alma mater* do levantar do chão este *Calvário* — último sonho de Pai Américo. E, puxa histórias que nos falam do *Inefável* que por aqui se espelha.

Não sou, mas gostava de ser entendido em mineralogia. A subir/descer cada degrau, já quase como quem 'pede licença a uma perna para arrastar a outra', lá nos vamos entreando um ao outro — *a ver se ainda conseguimos chegar lá cima*. Já os contei. São catorze! repete-me P.e Telmo. E eu, fazendo conversa, meto muitas vezes

o poema *Impressão Digital* de A. Gedeão — «... Nas ruas e nas estradas // onde passa tanta gente // uns vêem pedras pisadas // outros gnomos e fadas // num halo resplandecente». Uma vez que outra, recito-lhe o poema todo. — *Diga-me lá aqueles versos de ... Eu já não tenho cabeça para ...* Delício-me em olhar as pedras, ver P.e Telmo a mastigar as palavras do poema. Uma delícia literária e um tratado de psicologia... — «De tudo o mesmo se diz // onde uns vêem luto e dores // outros descobrem corres // do mais formoso matiz.»

Este é o segredo da nossa Fé — poder ver, nas coisas visíveis, o *Invisível de Deus* que nos chama à *trans(as)cendência*...

2. À descoberta de "xenólitos"... Hoje, aquelas 'pedras pisadas', de A. Gedeão, viraram conversa do dia... — *Olhe aqui, P.e Telmo. Está a ver esta mancha escura a escorrer ferrugem?!...* Lembra-se do nosso Alex, que sempre vinha com o Pacheco e Luís Amaral? Ele é que, perito em minas, como *Chefe*, no Escutismo, gostava de repetir aos seus *exploradores*: «Ah, se nós soubéssemos ouvir o sermão das pedras!» Prossigo: — *Lá para os entendidos, esta mancha provém de que há aqui um xenólito ferroso que, em contacto com o ar e a humidade, vai dando esta mancha que*

estamos a ver...

— *P.e Telmo, sabe o que é um xenólito?!...*

— *Eu não. Eu sou um pobrezinho. Estou velho, já não sei nada. Nem estudei dessas coisas.*

Porque o sei alérgico a toda e qualquer *xeno*+fobia, pego na palavra *xeno* (estrangeiro). E, à medida que subimos, vamos descobrindo os fragmentos de pequenas 'pedras estranhas' (xenólitos), encaixadas no granito que embeleza a escadaria. É fácil descobri-los: a cor, a forma, o tamanho, ...Tento explicar como é que, milhões de anos atrás, a coisa se foi formando — tudo era massa / magma amolecido... Aquelas pequenas 'pedrinhas mais duras' andavam ali perdidas a boiar e, entretanto, durante o desenvolvimento e endurecimento do magma... Falamos das 'dobras na pedra' do *Geoparque de Arouca*, de e de... Tanta coisa para ver! Preciso é *educar os olhos*...

Paro-me a contemplar. Cada xenólito tem sua cor, forma, tipo de rocha. Ouço o grito de cada um. São sinais, sacramentos, *flash's* de luz... Todos à uma estão ali a dizer-nos que, no meio desta barafunda dos novos conceitos sobre *Acção Social*, não podemos deixar morrer esta «palavra tirada do Evangelho». Porque ele é *de ontem, de hoje e de sempre*...

3. **De António Gedeão até Camões...** Porque palavra puxa palavra, também poema puxa poema... Naquele dia, já depois da missa, agarrado à bengala, de um lado, e ao meu braço, do outro, começamos a descer. — *Como é aquilo do outro que 'é melhor de descer que de subir', lembra-se? Acho que é do Camões!...* Prometi imprimir o poema da «aventura graciosa de Fernão Veloso em terra», est 30-36, do canto V, d'Os Lusíadas.

Recordamos o nosso épico: «Disse então a Veloso um companhei-

caminhos. Aqui, como em tudo o resto que tem que ver com o Amor ao Próximo, especialmente o que mais precisa, que cada um de nós faça o que estiver ao seu alcance, por pouco que possa parecer, para contrariar essas tendências individualistas que são muito fortes.

Os nossos contactos (só para assuntos da Conferência e não para assuntos da administração do jornal)

Conferência de Paço de Sousa

A/C Jornal O Gaiato

4560-373 Paço de Sousa

Telem. 965464058 • E-mail: carvalho.mendes@sapo.pt

O nosso NIB: 004513424003543534043 (só para donativos para a Conferência e não para a Casa do Gaiato).

Américo Mendes

PÃO DE VIDA

Do Holodomor

O Cristianismo, desde a sua raiz, pugna pelo respeito humano e por uma cultura de paz entre os povos, mesmo com as vicissitudes históricas. Jesus disse a Pedro: «*Mete a tua espada na bainha*» [Jo 18, 11]. No século XX, houve tragédias humanas enormíssimas, especialmente duas Guerras Mundiais e regimes totalitários com milhões de vítimas. De notar que, em Março de 1937, o Papa Pio XI condenou o nazismo [Encíclica *Mit brennender Sorge*, 14-III] e o comunismo ateu [Encíclica *Divinis Redemptoris*, 19-III]. A História tem um vastíssimo panorama de luzes e sombras, não abarcável, verificando-se que a única coisa que não aprendemos são as lições da História [Hegel].

Seis meses depois da invasão militar em larga escala da Ucrânia pela Rússia, em 24 de Fevereiro de 2022, esta guerra cruel e trágica – com elevadas vítimas humanas, sofrimentos indizíveis e grandes destruições – também veio complicar imenso a produção e o escoamento dos cereais. Por isso, 90 anos depois, vem a propósito e terá justo cabimento fazer uma brevíssima memória histórica de um genocídio ucraniano, resgatando o chamado *Holodomor*, que paradoxalmente é uma desconhecida [ou escondida] tragédia alimentar humana ocorrida na Europa, nomeadamente entre 1932 e 1933. De referir também o *Grande Terror* [Grande Purga] estalinista, de 1936 a 1938; e a fome na China em 1958-1961. Este pequeno exercício de abordagem à *Grande Fome da Ucrânia* ajuda a compreender melhor o actual conflito

ro // Começando todos a sorrir: // — «Oulá, Veloso amigo! Aquele outeiro // É melhor de decer que de subir!» // «Mas, quando eu pera cá vi tantos vir // Daqueles cães, depressa um pouco vim, // Por me lembrar que estáveis cá sem mim.»

Para vergonha do meu passado, também eu já gostei e me treinei no uso da *ironia* — essa triste ‘arte de morder sorrindo’... Hoje, recordo o sabor amargo desse tempo. Encanta-me é este saber *dar a volta ao texto* — como faz aqui o *Veloso amigo*... Recuo até Singeverga. Mons. Pereira dos Reis era o meu ídolo. Tinha deixado a glória do mundo para se esconder como um *simples oblato* de um mosteiro beneditino... Olhava-o como ícone da santidade, do saber e do bom humor. Para ele, esta passagem d’Os Lusíadas valia toda a epopeia... E com que encanto ele recitava para mim aquelas 6 estâncias do *canto V*. Com ele aprendi a gostar dos idosos. Com a morte dele conheci o *chorar sem querer*...

Que bem me sabe saborear, hoje com P.e Telmo, o bom humor deste episódio!

Um admirador

no Leste europeu, com as suas graves consequências para a humanidade.

A Ucrânia é o segundo maior país europeu e considerado o celeiro da Europa. O acrónimo *Holodomor* [Oleksiy Musiyenko, 1988], em ucraniano, resulta da conjugação das palavras *holod* [fome] e *moryty* [matar através de privações], significando *matar pela fome*. A *fome vermelha: a guerra de Estaline contra a Ucrânia* [Anne Applebaum, 2019], em que terão morrido de 3,3 a 7,5 [estimativas] milhões de pessoas, dos quais a maioria foram crianças, foi o resultado de uma política bolchevista de despotismo ditatorial, com a colectivização da agricultura ucraniana, sendo lançada por Estaline [1878-1953] e em que

foram espoliados e expulsos milhões de camponeses das suas terras.

Na obra *Fome 1933: O Livro Memorial do Povo* [Kyiv, 1991], foram recolhidos cerca de seis mil testemunhos sobre esta grande tragédia humana. Disse Maria Chytyfuruk: «*Dez, quinze pessoas morriam todos os dias. Levavam-nos numa carroça e atiravam-nos para uma vala e, no dia seguinte, recomeçava-se. [...] O meu pai entregou ao kolkhoz os seus cavalos e a sua vaca. Depois, morreu de fome... Levaram tudo sem deixar nada em troca; deixaram as pessoas morrer de fome. Destruíram as casas. Deportaram as pessoas para o Grande Norte ou a Sibéria; elas nunca mais voltaram. Só Deus sabe o que lhes aconteceu.*»

Outro testemunho, de Lyuba Tchervatyuk: «*Eu tinha o meu pai, a minha mãe e a minha avó. Ao fim de duas semanas estavam os três mortos. Fiquei sozinha em casa. Tinha 12 anos,*

que podia fazer? Não havia nada para comer em lado nenhum. Saía de casa de manhã e vagueava pelos pomares até ao cair da noite à procura de algo que pudesse mastigar, nem que fosse erva ou relva [...]. Depois, fiquei doente.»

Vyacheslav Molotov [1890-1986], uma figura de proa do poder soviético, disse: «*A questão é a seguinte: se temos pão,*

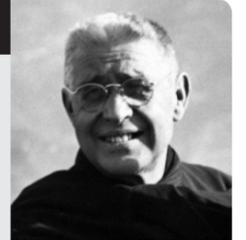
temos poder soviético. Se não temos pão, o poder soviético acabará por desaparecer. Actualmente, quem tem o pão? São os camponeses ucranianos reaccionários e os cossacos do Kuban. Não nos irão dar o pão de livre vontade. Terá de lhes ser retirado.»

No Verão de 1932, houve uma enorme onda de protestos dos

Continua na página 4

DOCTRINA

Espectáculo enternecedor



Era já noite quando nos apareceu aqui uma mulher mal trajada, a pedir para ver o filho. É muito raro aparecer família da nossa gente, uns porque a não têm, outros porque sim, mas não se importam e ainda bem.

Pois apareceu a mulher fora de horas e eu mandei dizer que não. Insistindo, fui eu mesmo ter com ela e pintei a macaca: — Que não. Que não eram horas de fazer visitas. Eu tinha chegado do Porto, naquela maré, e trazia mostarda no nariz por coisas que lá me aconteceram. Chego a casa e... mais mostarda! A gente quer reagir. Quer dominar-se, mas não pode. Os anos. A fraqueza. O desgaste natural. Trabalhos de que só a morte nos pode libertar!

A mulher continua sem dar razão às minhas razões:

— O meu filhinho! Saí, hoje, da cadeia. Pedi dinheiro emprestado a uma mulher. Vim no primeiro comboio.

Alto!, disse eu com os meus botões, temos *alguém* embrulhado em farrapos.

Uma vez libertada da prisão procura o seu filho. Pede emprestado à mulher da viela. Toma o primeiro comboio. É noite? Chove? Que importa! Não sabe o caminho? Pergunta! «O meu filhinho!»

Mandei buscar o Albino, pelo enfermeiro.

Ele fora depilado e encontra-se, ainda, apartado. Tem oito anos muito definhados. Andava pelos caminhos, sozinho.

«Saí, hoje, da cadeia.» A mãe toma-o nos braços. Notei e regalei-me de ver o jeito com que ela pega no filho e o jeito com que este se enrosca no seu colo. Parece que ainda se lembrava dos tempos em que andou no ventre!

Muitos dos nossos que estavam em cima a escutar o relato, descem. Há uma grande dúzia à roda do espectáculo enternecedor.

O enfermeiro espera. A mãe dá no filho o derradeiro beijo.

«Fique com o meu nome. Com a minha direcção. Ele pode adoecer e morrer...!»

Voltou o pequenino à enfermaria. Fica ali a mãe de pé, a contemplar com seus olhos os rapazes em volta dela. Trazia na mão uma saqueta feita de trapos; abre e diz: «Vou dar estas castanhas ós meninos.»

Não tinha comido nada naquele dia; primeiro o filho. E agora que o topa, o pouco que tem para comer, quer dar, de contente! Era *alguém* que ali estava, embrulhado em farrapos!

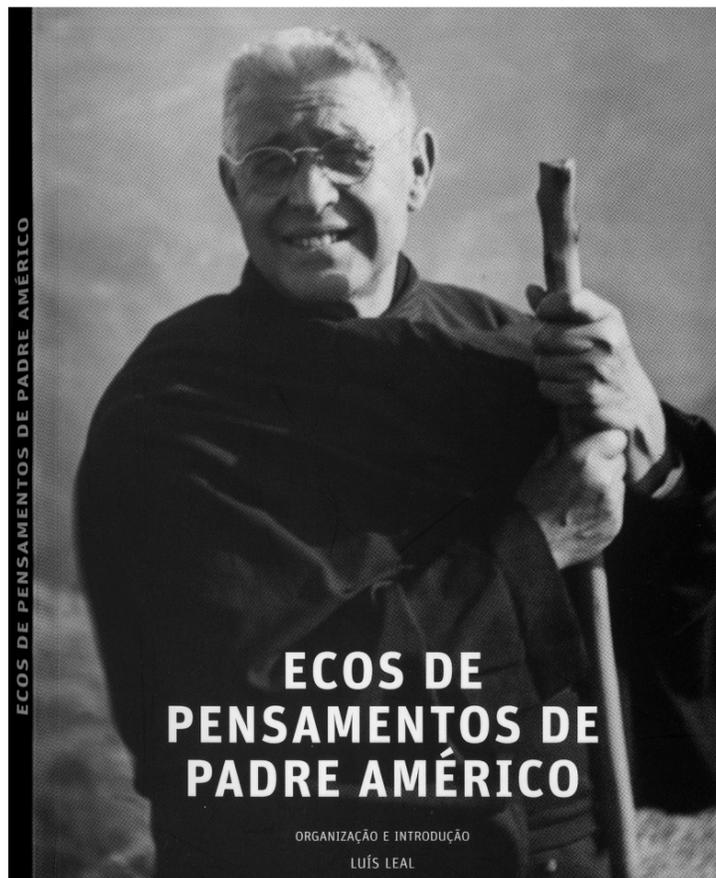
Se alguém for capaz de chegar ao fim desta leitura com os olhos por humedecer, não leu. Não compreendeu.

Oh! jornal terrível! Quem puder fugir de ti que fuja!

PAI AMÉRICO, *Notas da Quinzena*, 1986, pgs 125-126.

LIVROS

Qual «livro de horas» ou «de cabeceira» a que urge sempre regressar como quem nunca dele se distancia, este que o estimado leitor tem em suas mãos propor-lhe-á, portanto, um exercício de leitura a fazer-se “a dois tempos”: num primeiro, circunscrevendo-se à materialidade literária, conceptual, histórica e imagética dos «pensamentos» nele compilados e transcritos, poderá o leitor (re)conhecer algo do que foi, disse e fez este Homem, dos valores que defendeu e dos atropelos sociais que denunciou, dos seus projectos de resposta aos problemas com que se deparou e do mundo que lhe foi dado viver; num segundo momento, poderá o leitor partir em viagem ao encontro das vidas e das histórias daqueles cujos nomes constam no final do livro e, assumindo o sempre hipotético jogo da intuição, entrever os motivos que os terão levado a propor estes trechos como merecedores de presença nesta (espécie de) antologia.



Assim sendo, poder-se-á concluir que não estamos diante de (apenas) mais um “retrato” de Padre Américo, da sua Obra e do seu mundo; é (também e, porventura, sobretudo) um “retrato de retratos”, um retrato “em espelho” desses sulcos profundos deixados pelo arado cortante da palavra-vida-obra desse Homem na memória e na vida de cada um destes seus “amigos”. Cumpre-se assim, também aqui, uma das maiores riquezas (e) características desta Obra (escrita e social): sendo os textos de Padre Américo n’O Gaiato verdadeira e cristalina fonte (historiográfica) onde poderemos sempre regressar quando a sede de conhecimento (do seu e nosso tempo) a tal nos impelir, tais textos-pensamentos revelam-se aqui também verdadeiro alimento (literário-espiritual) disposto a saciar, tal como o tem feito desde 5 de Março de 1944, ...» — Da *Introdução* de Luís Leal.

Os pedidos podem ser feitos à Casa do Gaiato de Paço de Sousa, através do telefone 255752285, por e-mail: geral@obradarua.pt, por carta ou no site: www.obradarua.pt



Proprietário e Editor: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo

N.I.P.C. (NIF) 500 788 898 • N.º de Registo 100398 • Tiragem: 11050

Director: Padre Júlio • Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes (C. P.: TE-555)

Redacção e Administração: Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa

Impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa

Tel.: 255 752 285 • geral@obradarua.pt • jornal.o.gaiato@obradarua.pt

www.obradarua.pt • www.obradarua.pt/estatuto-editorial/ • facebook.com/Casa.do.Gaiato

Crédito Agrícola: IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98

NIB: 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Caixa Geral de Depósitos: IBAN: PT50 0035 0597 0002 9078 0304 5

NIB: 0035 0597 0002 9078 0304 5 • BIC/SWIFT: CGDIPTPL

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Continuação da página 1

Há dias, numa viagem ao Norte, parei numa das estações de serviço e observei um luxuoso iate em cima de um gigantesco camião que o transportava acompanhado de uma carrinha com várias luzes no tejadilho para evidenciar o trânsito do enorme camião que seguia. E pensei comigo dizendo para os meus botões: «*Olha aqui vai um valor muito maior do que uma casa para um pobre.*» Naturalmente o seu dono é capaz de não ter só uma casa, nem só um luxuoso automóvel, nem este iate seja o primeiro da sua vida, ou da sua família...

Um amigo encontrou-me no cemitério após um funeral e ao cumprimentar-me disse-me com entusiasmo: «*Venha ver o jazigo que aqui estou a construir.*» Era uma pequena capela em mármore com as devidas prateleiras para os caixões e uns adornos feitos da mesma pedra com a porta de ferro forjado e artísticos desenhos.

Será que o desejo do meu amigo em fazer figura social, ainda irá para além da morte? De que adianta repousar num

caixão enterrado ou exposto no jazigo? Que interesse tem isso para a pessoa morta?

Eu andava aflito para comprar uma casa a uma família pobre e (cobardemente talvez?) não lhe falei do seu engano.

No momento em que escrevo recebo o telefonema de uma mãe abandonada com três filhos a pedir o pagamento da renda da casa. «Terei de ir ver.» «Já me ajudou»; diz ela. Por já ter sido algumas vezes enganado e pelo telefone, só me comprometo com pessoas credíveis: alguns pobres, alguns padres e também alguns cristãos, sobretudo os vicentinos.

Os Salmos, que nós os Sacerdotes rezamos diariamente estão cheios de exortações à pobreza, como também de elogios aos que repartem os seus bens pelos pobres.

Tenho mesmo a impressão que todos os dias a Oração que Deus põe na boca dos seus Sacerdotes, fala do amor à pobreza e aos pobres.

A primeira das Bem-aventuranças é clara: *Felizes os que têm o Espírito de Pobre porque*

é deles o Reino dos Céus. Jesus fala da dificuldade deste paradoxo: é mais fácil passar uma corda grossa (*um camelo*) pelo furo de uma agulha de coser, do que um rico, entrar e perceber a Filosofia do seu Reino.

Quantas vezes terá repetido nas suas pregações pelas Sinagogas, pelas praias e campos a Parábola do rico que se banqueteava muitas vezes com os seus amigos e o pobre Lázaro ao seu portão, nem às migalhas e aos restos tinha direito para matar a fome e cujo alívio era o lamber das suas feridas pelos cães.

Quantas vezes rezamos nós os religiosos a oração de Nossa Senhora: «O Senhor fez em mim maravilhas, aos pobres encheu de bens e aos ricos despediu de mãos vazias!...»

Quantas vezes o Senhor disse que o filho do Homem não tem sequer onde reclinar a cabeça e recomendou aos Discípulos que não levassem para o caminho da sua pregação nem duas túnicas, nem dinheiro, mas que fossem portadores da PAZ! Quantas vezes? Quantas?

Feliz de vós os pobres porque é vosso o Reino de Deus. Lucas 6,20.

Padre Acílio

PÃO DE VIDA

Continuação da página 3

camponeses. Em Novembro de 1932, o Partido Comunista da Ucrânia impôs aos camponeses particulares e aos *kolkhozes* multas em géneros alimentícios, para punição do incumprimento ou sabotagem do plano de colecta. Entre o Outono de 1932 e o Verão de 1933, cerca de 3,5 a 5 milhões de ucranianos, na Ucrânia e no Kuban, sucumbiram aos efeitos da fome e de epidemias, como o tifo e a desinteria, sendo muito elevada a taxa de mortalidade infantil. As pessoas fugiam das áreas afectadas, mas entretanto foram isoladas: em Janeiro de 1933, a polícia política do regime soviético impediu a fuga de camponeses dos territórios da Ucrânia e do Kuban. De Março a Abril de 1933, quinze a vinte mil pessoas morreram por dia. Durante esta catástrofe alimentar, o Estado soviético continuou a exportar cereais e acumulou reservas estratégicas. Milhares de colonos oriundos de outras repúblicas da U.R.S.S. foram transferidos para territórios ucranianos, sendo que entre 1933 e 1934 cerca de vinte mil famílias russas e bielorrussas foram para a Ucrânia.

A mortalidade incidiu principalmente na população rural, de origem ucraniana. Nas cidades, o cenário também era trágico. Por exemplo, em Karkiv [capital da Ucrânia até 1934], morreram mais de 120 000 pessoas num ano. De um relatório [de 31-5-1933] do cônsul italia-

no nessa cidade, Sergio Gradnigo: «*Desde há uma semana, foi organizado um serviço para recolher crianças abandonadas. Com efeito, além dos camponeses que afluem à cidade porque não têm qualquer esperança de vida no campo, há as crianças que trazem para aqui e que são em seguida abandonadas pelos pais, os quais regressam à aldeia para lá morrerem, esperando que a cidade cuide da sua prole.[...] Os que ainda não estão inchados e apresentam uma possibilidade de sobrevivência são encaminhados para os abarracamentos de Holodnaia Gora, onde em alpendres, sobre palha, agoniza uma população de perto de 8.000 almas, composta essencialmente de crianças.*»

O adido militar polaco em Moscovo, no seu relatório de 1933, informou: «*Em resultado da acção brutal das autoridades, houve uma grave fome que causou, como consequência lógica, um enorme despovoamento (cerca de 5 milhões de mortos). A acção do governo traduziu-se principalmente na mobilização compulsiva da população para as colheitas. Também com esse objectivo, foram enviadas tropas para o país.*»

Em 28 de Novembro de 2006, o parlamento ucraniano condenou a tragédia da fome de 1932-1933 e considerou-a um *genocídio*; e, em 22 de Novembro de 2008, foi inaugurado o monumento *Vela da Memória*, em homenagem às vítimas. Apesar do bloqueio de informações e investigações, durante meio século, com o desmantelamento progressivo da

cortina de ferro da memória [Emmanuel Droit], o *Holodomor* foi deixando de ser ignorado da memória colectiva. Na verdade, *sem um profundo conhecimento da Grande Fome é simplesmente impossível compreender o século XX europeu* [Andrea Graziosi]. Neste sentido, embora grande parte dos acontecimentos passados sejam esquecidos na História, é bem claro que no ensino não deve ser negligenciado o *Holodomor*.

Padre Manuel Mendes

SINAIS

AS obras do nosso Calvário estão quase no fim. Os nossos doentes foram com as senhoras dos Serviços Sociais, com a promessa do seu regresso no fim das obras. Esperamos ansiosos a vossa vinda.

A vida vai continuar... Continua sempre. Mas com mais graça e alegria na comunhão amorosa com todos vós.

Gosto de ir ao nosso cemitério — limpo, campas rasas — quase novecentas.

E P.e Baptista também gostava. Ele conheceu e acompanhou todos os doentes que ali jazem. A muitos, em comunhão com os voluntários, ele deu o comer e os limpou.

A todos foi ele que acolheu. E a muitos ele transportou de longes terras.

À medida que os anos passam a página da injustiça fica mais viva e triste. Todos nós sentimos. P.e Baptista sabe e sente.

Padre Telmo

CALVÁRIO

Se levantó un viento leve que agitaba suavemente las copas de los cipreses. Entre la hierba temblaban las afiladas hojas de los lirios. Nos rozaba el perfume de la tierra. Por el cielo se deslizaban lentamente algunas nubes ligeras. Entre los brotes amarillos de una haya cercana se perseguían los pájaros. Un mirlo penetró en nuestro círculo y, envalentonado, brincaba a algunos pasos de nosotros. Lucile lo señalaba con el dedo y los demás reíamos viéndolo pavonearse y hacerse el interesante, picotear un gusano en la tierra húmeda, o al menos fingirlo. — ¿Los animales son como nosotros, me preguntó Barjone, existen sólo para exhibirse?

— Algunos hombres son más que los animales, respondí, precisamente los que no luchan por el prestigio, los que no luchan por nada.

Michel Henry, *El hijo del rey*, Editorial Nuevo Inicio, p 35.

ENTRE os dias 16 e 20 de Agosto o Calvário plantou-se à beira mar. Os rapazes e as doentes fizeram uns dias de praia na casa de Azurara, Vila do Conde.

Os rapazes em regime de permanência, com o apoio do Mário, do Adão e da D. Rosa e a D. Augusta, as doentes foram e vieram, com a ajuda da Teresa, da Melita e da Isabel.

Esta é uma actividade próxima do êxodo bíblico. Deixar rotinas do quotidiano (horários, tarefas, ambientes) e partir à procura da promessa. Desde que se constou que Agosto chegaria não pararam mais os questionamentos:

- Quando vamos à praia.
- Quantos dias faltam?
- Vamos todos e quem vai connosco? E fomos.

Preparar transportes, roupa, alimentação, medicação, preparar o imprevisto é verdadeiramente uma epopeia, mas configura-se como uma tarefa existencial. O foco é colocado no cuidado dos doentes e nas suas necessidades pessoais.

A rua, densamente povoada, já conhece o movimento da Casa e olha-nos com compaixão. E ajuda. Se é preciso mais uma mão para fazer rolar uma cadeira de rodas, em terrenos movediços, ela não falta. E ainda ouvimos um obrigado por poderem ajudar.

Uma ocasião visitou-nos o Padre Telmo que tinha ido a uma consulta ao São João com o Pacheco e a Maria de Jesus. Depois subiu à família que está na Póvoa e regressou a Beire.



O Calvário é um lugar de salvação, esteja onde estiver, com quem estiver, enquanto estiver.

As doentes intercalaram as idas à praia com a visita a um centro hípico e o contacto com animais e uma ida à casa do Quim e da Lala, em Paço de Sousa, para um lanche convívio. Não faltou nada, nem a comida nem a música e a boa disposição. Comprovamos a amizade dos amigos do Calvário e o precioso acompanhamento da Luísa e da Elisa.

Certos de que os objectivos foram alcançadas algumas doentes já diziam perfeitamente conscientes:

- Para o ano há mais.

E certamente haverá. Entretanto, para fechar este ciclo do veraneio, iremos visitar por estes dias, e com os rapazes, o Padre Baptista ao Cabril, Pampilhosa da Serra, Coimbra.

Trata-se a doença diagnosticada e a solidão auto-imposta com proximidade, relação e dedicação:

- Senhor, quando te vimos com sede e te demos de beber?
- Todas as vezes que o deixastes de fazer a um desses pequeninos, foi a mim que o deixastes de fazer (Cf. Mateus 25).

Padre José Alfredo